

BRASIL

Avaliação Baseada em Área (ABA) em Boa Vista, Roraima

Novembro de 2022



© REACH 2022.

No marco da



Plataforma de Coordenação
Institucional para Refugiados
e Migrantes da Venezuela



**CÁRITAS
BRASILEIRA**

REACH Informing
more effective
humanitarian action

Sumário

Introdução	3
Perfis demográficos.....	5
Perfis migratórios.....	6
Educação	7
Saúde.....	8
Segurança alimentar	9
Programas sociais.....	10
Acesso a moradia	11
Condições do aluguel e riscos de despejo.....	12
Água, saneamento e higiene.....	13
Riscos de proteção.....	14
Meios de vida e integração	15
Mecanismos de enfrentamento.....	16
Assistência humanitária.....	17
Referências.....	17

Sobre a REACH

A REACH facilita o desenvolvimento de instrumentos e produtos de informação que aumentam a capacidade dos agentes humanitários de tomar decisões baseadas em evidências em contextos de emergência, recuperação e desenvolvimento. As metodologias utilizadas pela REACH incluem coleta de dados primários e análise em profundidade; e todas as atividades da REACH são conduzidas com o apoio e dentro do modelo de mecanismos de coordenação de ajuda inter-agencial. REACH é uma iniciativa conjunta de duas organizações não governamentais internacionais – ACTED e IMPACT Initiatives – e a UN Operational Satellite Applications Programme (UNITAR-UNOSAT). Para mais informações, por favor visite nosso site: www.reach-initiative.org. Você pode nos contatar diretamente através do email: geneva@reach-initiative.org e seguir-nos no Twitter: [@REACH_info](https://twitter.com/REACH_info).

Contexto

Desde o início de 2015, cerca de 6 milhões de pessoas têm deixado a Venezuela como resultado da prolongada instabilidade social, econômica e política do país.¹ Segundo dados oficiais, 778.045 refugiados e migrantes venezuelanos entraram no Brasil nos últimos cinco anos, dos quais cerca de 376.789 permanecem no país.² Com o tempo, essas populações têm se dispersado progressivamente nas comunidades brasileiras ao longo da fronteira norte e em outras cidades do país.

Atualmente Roraima, o estado menos populoso do Brasil, e sua capital Boa Vista, tem experimentado o maior crescimento populacional do país, fato atribuído ao alto fluxo migratório venezuelano nos últimos anos.³ Embora os refugiados e migrantes venezuelanos que entram no Brasil através desta fronteira possam se mudar para outra região do país, isto se torna difícil porque a única conexão rodoviária é com a cidade de Manaus, no estado de Amazonas. A barreira geográfica, portanto, cria um incentivo para que as pessoas permaneçam perto da fronteira.

Para responder às necessidades humanitárias geradas pelo fluxo contínuo de venezuelanos, principalmente em Roraima e Amazonas, o Governo Federal brasileiro criou a Operação Acolhida (Operação Acolhida) em 2018. A Operação é uma força-tarefa humanitária coordenada que articula vários programas, incluindo regularização de migração, abrigos para migrantes e requerentes de asilo, e interiorização. Esta última é uma iniciativa para deslocar refugiados e migrantes venezuelanos dos estados do Amazonas e Roraima para outras regiões do Brasil, a fim de reduzir a pressão da população refugiada e migrante nas cidades fronteiriças.⁴

De acordo com sua forma de moradia, a população de refugiados e migrantes venezuelanos em Boa Vista pode ser dividida em quatro grupos. O primeiro grupo está localizado nos abrigos da Operação Acolhida; o segundo grupo é a população fora dos abrigos localizados em "ocupações espontâneas" (edifícios e terrenos públicos e privados abandonados); o terceiro é o grupo das pessoas sem-teto ou em situação de rua. Finalmente, o quarto grupo corresponde aos refugiados e migrantes venezuelanos que vivem fora dos abrigos e ocupações, em casas alugadas e domicílios improvisados. Com relação às lacunas de informação sobre a situação humanitária dessas populações, as pessoas que vivem em abrigos, ocupações espontâneas e nas ruas têm monitoramento regular de informações.⁵ Por outro lado, a população que vive em casas alugadas tem menos informações disponíveis e não existe nenhum diagnóstico recente de sua situação.

População de interesse

Refugiados e migrantes venezuelanos: refugiados, migrantes, apátridas, nacionais de terceiros países que moravam na Venezuela nos últimos sete anos, que moram em Boa Vista fora dos [abrigos da Operação Acolhida](#) e [das ocupações espontâneas mapeadas pela OIM](#).

Comunidade de acolhida: cidadãos brasileiros que na época da coleta de dados moravam em áreas que recebiam refugiados e migrantes venezuelanos. .

Mapa 1. Área de estudo



Neste contexto, a [Iniciativa REACH \(REACH\)](#), no marco da plataforma regional R4V e com o apoio local da Cáritas Brasileira, projetou a Avaliação Baseada em Área (ABA), com o objetivo de melhorar a compreensão dos atores humanitários sobre as condições de vida e as necessidades dos refugiados e migrantes venezuelanos que vivem fora dos abrigos em Boa Vista, especificamente em casas alugadas e domicílios improvisados. A avaliação procurou identificar os perfis demográficos, socioeconômicos e migratórios dos refugiados e migrantes venezuelanos, avaliar seu nível de acesso a serviços básicos e subsistência, e compreender os riscos de proteção que eles enfrentam.

A ABA cobriu toda a cidade de Boa Vista e foi projetada para que os resultados quantitativos dos grupos⁶ de refugiados e migrantes sejam representativos. Além disso, a avaliação coletou informações sobre a situação da comunidade de acolhida, a saber, a população brasileira que morava nas proximidades dos refugiados e migrantes venezuelanos. De acordo com a necessidade de avançar em direção a soluções duradouras, a avaliação também focalizou fatores relacionados com a integração local de refugiados e migrantes venezuelanos, o relacionamento com a comunidade de acolhida e com as instituições locais, incluindo o governo e as organizações da sociedade civil.

Metodologia

Para cumprir com esses objetivos, a ABA utilizou uma metodologia mista que incluiu questionários domiciliares estruturados ao nível do grupo e grupos focais de discussão semiestruturados (GFD). REACH desenvolveu a coleta presencial de dados entre o 16 de agosto e o 2 de setembro de 2022, que compreendeu: 232 questionários realizados com grupos de população refugiada e migrante e com grupos da comunidade de acolhida, e 8 grupos focais de discussão com refugiados e migrantes venezuelanos.



Schweizerische Eidgenossenschaft
 Confédération suisse
 Confederazione Svizzera
 Confederaziun svizra

Swiss Agency for Development
 and Cooperation SDC

Questionário a nível do grupo

A amostragem dos questionários da população refugiada e migrante venezuelana foi aleatorizada, com o fim de obter representatividade estatística. Com a população de acolhida, a amostragem foi intencionada pela busca de um grupo elegível nas redondezas (a 500 metros) de um grupo venezuelano que já participou no questionário. O questionário foi administrado através de entrevistas com o/a chefe de grupo ou com uma pessoa maior de 18 anos que pudesse contestar em seu nome.

Por causa da estratégia de amostragem utilizada, os resultados do questionário da ABA são resultados representativos para grupos refugiados e migrantes, e indicativos para os grupos da população de acolhida. Veja a tabela abaixo:

Características do questionário	Refugiados e migrantes	Comunidade de acolhida
Questionários realizados	170	62
Membros dos grupos representados	861	281
Nível de confiança	95%	N.A.
Margem de erro	+/- 8%	N.A.

Grupos focais de discussão

Para os grupos focais de discussão, a amostragem foi intencionada por meio da busca de participantes em bairros com alta concentração de população refugiada e migrantes morando em casas alugadas e domicílios improvisados. Os bairros foram identificados em visitas em campo e após da consulta com as organizações que trabalham com esta população.

A amostragem procurou incluir pelo menos um bairro de cada uma das macroáreas em que a cidade está dividida segundo os perfis socioeconômicos dos bairros e a in-

fraestrutura de captação dos serviços sociais dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).⁷ Ao mesmo tempo, os GFD procuraram coletar informações sobre os domicílios improvisados de refugiados e migrantes venezuelanos que compraram vivendas o terrenos na periferia de Boa Vista. Por questões externas, nenhum GFD foi realizado num bairro na macroárea Silvio Leite.

Ponderações

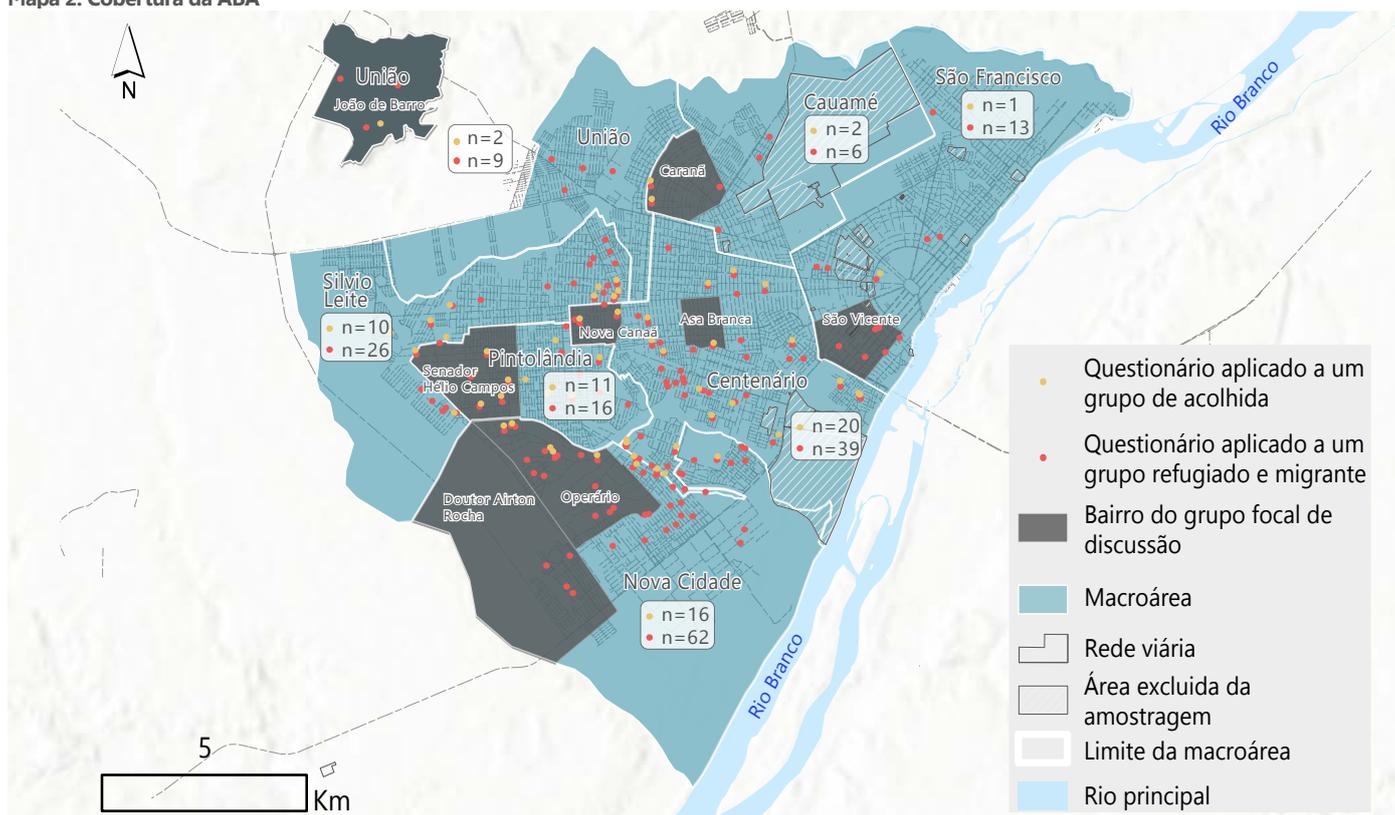
As seguintes considerações devem ser levadas em consideração ao ler este relatório:

- 1) Nos questionários só uma pessoa foi entrevistada (preferivelmente o/a chefe do grupo), quem deu conta sobre os demais membros. Isso pode dificultar conhecer informações específicas sobre os indivíduos daquele grupo;
- 2) Às repostas aos questionários e aos GFD foram auto-relatadas e não podiam ser verificadas, o que não exclui a existência de vies nas respostas;
- 3) O relatório apresenta informações principalmente sobre a situação dos grupos refugiados e migrantes, e sobre os grupos de acolhida quando houverem dados relevantes para a comparativa. Encontre no banco de dados no Centro de Recursos da REACH maiores informações sobre os dois grupos populacionais;
- 4) Os resultados dos grupos refugiados e migrantes representativos ao nível de Boa Vista, não em outros níveis geográficos. O relatório contém mapas a nível de macroárea de caráter indicativo. Leve em conta que o número de questionários nas macroáreas Cauamé e União e baixo para fazer inferências (veja o N no mapa 2).

Questões éticas

O consentimento informado e o anonimato das repostas foram informados a participantes de questionários e GFD antes, durante e depois das atividades. Por razões de proteção, não foram coletados dados pessoais que pudessem ser utilizada para identificar aos participantes da pesquisa.

Mapa 2. Cobertura da ABA



Perfis demográficos

Perfil da pessoa entrevistada

O 73% das pessoas entrevistadas de grupos refugiados e migrantes se identificaram como mulheres, e o 27% se identificaram como homens; nos grupos de acolhida, o 65% se identificaram como mulheres e o 35% como homens. A idade média dos entrevistados foi 36 anos em grupos refugiados e migrantes, e 38 anos em grupos de acolhida.

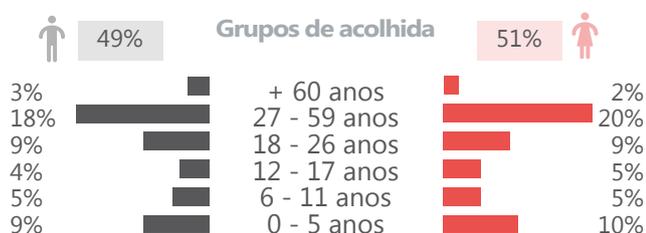
No 71% dos questionários a grupos refugiados e migrantes, a pessoa entrevistada era o/a chefe de grupo. A proporção foi similar nos grupos de acolhida, com 68% dos entrevistados que afirmaram ser o/a chefe do grupo.

Composição dos grupos

Distribuição por sexo e idade dos membros do grupo:



Em média, os grupos de refugiados e migrantes tinham 5 membros; 141 grupos (83%) tinham crianças e adolescentes entre 0 e 17 anos de idade. Apenas 2% (3) dos grupos relataram pertencer a um grupo indígena e somente 5% (8) dos grupos relataram ter membros que se consideram lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou queer (LGBTQ).



O tamanho médio dos grupos de acolhida era de 4 membros. Em 47 grupos (76%) havia crianças de 0 a 17 anos de idade. Em 9 grupos (15%) foi relatado que pelo menos um membro pertencia a um grupo indígena; e apenas 3% (2) dos grupos relataram ter membros que se consideram lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou queer (LGBTQ).

Chefia do grupo:

A chefia feminina foi relatada em 55% dos questionários a grupos de refugiados e migrantes, e em 48% desses casos, o estado civil da chefe de grupo era solteira, separada ou viúva. Esta situação fez das mulheres cabeças econômicas de fato (sem a presença de um companheiro) em 26% dos grupos de refugiados e migrantes, os quais também tenderam a ter um maior número de membros. Nos grupos de acolhida, a chefia feminina foi relatada em 60% dos lares, enquanto a chefia econômica de fato foi identificada em 30% dos questionários realizados.

Maior nível de educação alcançado por um membro do grupo⁹:

Nível educativo	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Ensino fundamental 1º-5º incompleto	1%	0%
Ensino fundamental 1º-5º completo	7%	5%
Ensino fundamental 6º-9º incompleto	2%	0%
Ensino fundamental 6º-9º completo	5%	5%
Ensino médio incompleto	16%	8%
Ensino médio completo	38%	45%
Técnico/tecnológico incompleto	4%	0%
Técnico/tecnológico completo	7%	3%
Ensino superior incompleto	4%	3%
Ensino superior completo	15%	27%
No sabe	1%	2%

Perfis com necessidades específicas

Grávidas e lactantes no grupo:

A presença de pelo menos uma mulher grávida na população de refugiados e migrantes foi relatada em 25% dos grupos pesquisados, para um total de 54 mulheres grávidas. Entre elas, 5 eram menores de 18 anos, o equivalente a 9% das mulheres grávidas e a 11% das menores na faixa etária de 12-17 anos. Nos grupos de acolhida, foram relatadas mulheres grávidas em 19% dos grupos e apenas uma mulher grávida com menos de 18 anos de idade estava presente. Por último, 23% dos grupos refugiados e migrantes e 20% dos grupos de acolhida tinham mulheres amamentando.

Dificuldades físicas e cognitivas de pelo menos um membro do grupo:

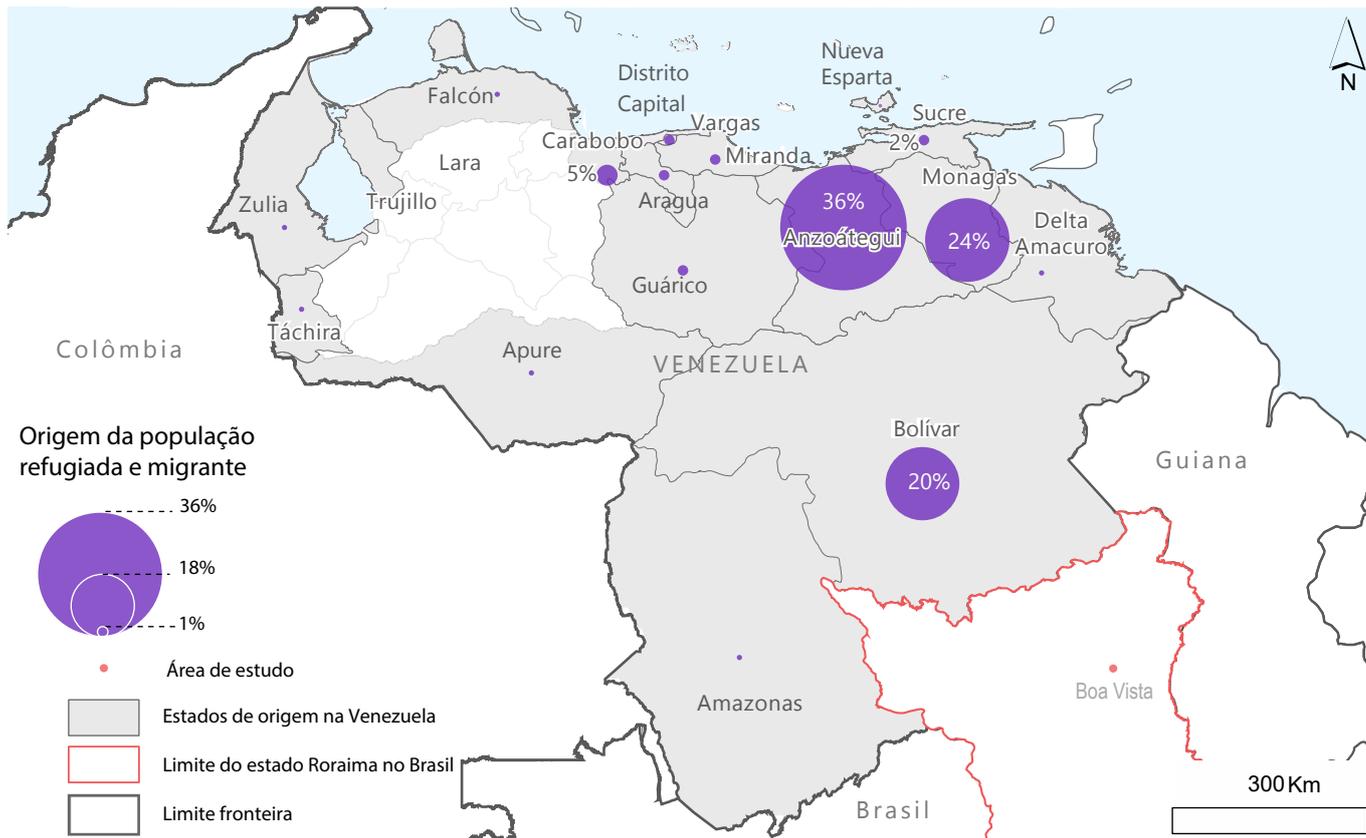
A fim de explorar a presença de quaisquer dificuldades físicas e/ou cognitivas nos grupos, os entrevistados relataram se eles ou qualquer membro do grupo experimentava alguma das seguintes dificuldades:

Tipo de dificuldade ⁸	Grupos refugiado e migrante	Grupos de acolhida
Ver, mesmo com óculos	31%	34%
Ouvir, mesmo com fone de ouvido	9%	13%
Lembrar ou concentrar-se	11%	25%
Caminhar ou subir escadas	17%	13%

Segundo o entrevistado, havia pelo menos um membro com alguma limitação funcional em 46% dos grupos de refugiados e migrantes e em 48% dos grupos de acolhida. Dentro desses subgrupos, foi relatado que a dificuldade afetava ao/à chefe do grupo em 46% dos grupos de refugiados e migrantes, e em 64% dos grupos de acolhida.

Perfis migratórios

Mapa 3. Estado relatado de origem dos grupos refugiados e migrantes



Trajetórias migratórias

Tempo que o grupo está em Boa Vista:



A maioria (80%) dos grupos refugiados e migrantes chegou em Boa Vista depois de agosto de 2020. Vinte e sete por cento deles estão na cidade há menos de um ano.

Nacionalidade dos membros do grupo:

Em 80% dos grupos refugiados e migrantes, os membros eram exclusivamente de nacionalidade venezuelana; em 19%, foram encontrados membros venezuelanos e brasileiros, e no 1% restante, venezuelanos e membros de outras nacionalidades. Foram identificados grupos mistos entre os que relataram mais de seis meses em Boa Vista, com a maioria concentrada entre aqueles que já estavam em Boa Vista entre um e dois anos.

Regularização migratória dos membros do grupo:

Oito por cento (13) dos grupos refugiados e migrantes relataram ter pelo menos um membro sem regularização migratória (residência ou protocolo de refúgio). Na maioria desses grupos, a razão para não ter documentação foi a falta de tempo para completar o processo (11), seguida pelo desinteresse no processo (1) e falta de conhecimento do motivo pelo entrevistado (1).

Grupos de refugiados e migrantes que relataram que pretendem permanecer em Boa Vista no próximo ano **77%**

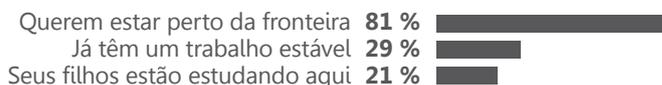
Intenções de movimento no próximo ano

Além dos grupos que relataram que pretendem permanecer em Boa Vista, o 17% dos grupos pesquisados informaram que pretendem se mudar no próximo ano para outro lugar no Brasil, fora dos estados do Amazonas e Roraima. Por outro lado, apenas 2% dos grupos relataram querer voltar à Venezuela, e o 2% restante não sabia.

Interesse relatado pelos grupos na interiorização através da Operação Acolhida:



Principais razões pelas quais 107 grupos relataram não estar interessados na interiorização¹⁰:

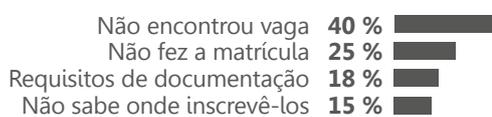


Educação para menores de 5 anos

O 58% dos grupos refugiados e migrantes e 54% dos grupos de acolhida tinham pelo menos um membro entre zero e cinco anos de idade. Em ambos os grupos, foi relatado que as crianças menores de cinco anos passavam a maior parte dos dias de semana na vivenda aos cuidados de seus pais (69% em grupos refugiados e migrantes e 74% em grupos de acolhida). Entretanto, o número de grupo que relataram ter acesso a um programa de educação pré-escolar foi relativamente maior nos grupos de acolhida (14%) do que nos grupos refugiados e migrantes (5%). Nesta última população, também foi relatado que as crianças ficavam em casa com um parente (17%) e com seus pais no trabalho (6%).

Falta de acesso à escola de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos

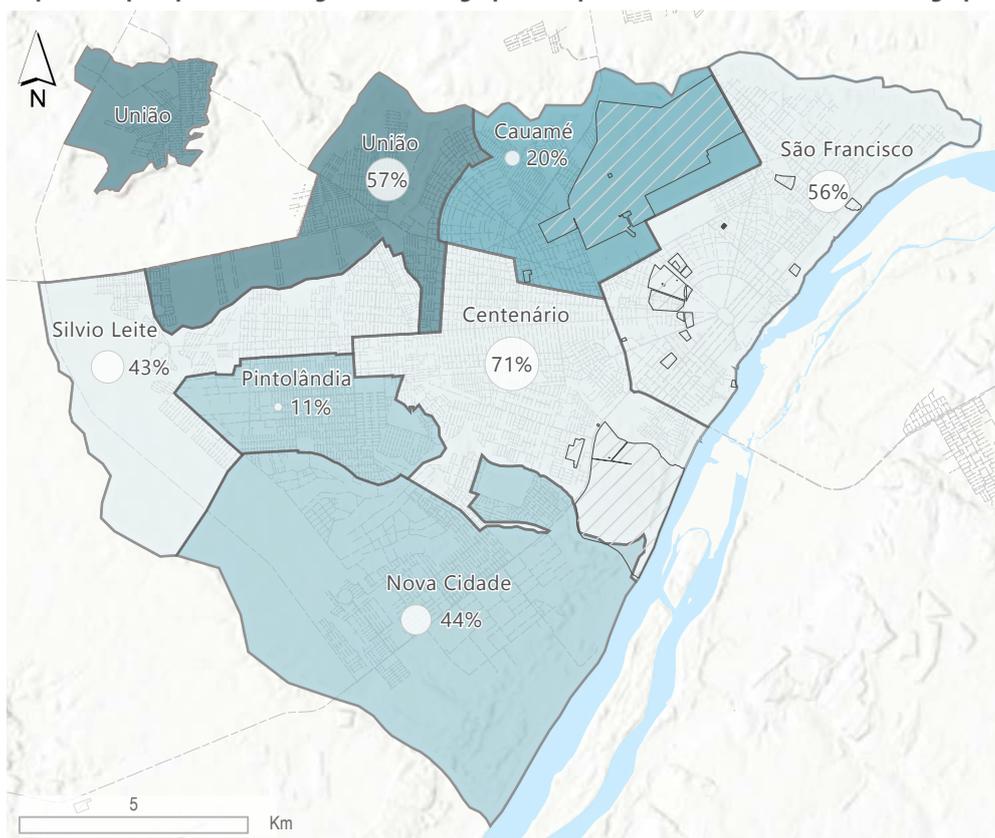
Principais razões pelas quais crianças e adolescentes de 33 grupos refugiados e migrantes não frequentavam a escola¹⁰:



Barreiras ao acesso à educação para refugiados e migrantes venezuelanos:

Semelhante aos resultados dos questionários, em 7 GFD mencionaram a falta de vagas na escola como uma barreira ao acesso à educação. Além disso, em todos os GFDs, os participantes apontaram que as longas distâncias constituem uma dificuldade de acesso e permanência na escola para seus filhos. A distância de casa à escola influencia a tomada de decisões e a autorização de matrícula escolar: alguns participantes relataram perder vagas por morarem longe das escolas; outros observaram que as crianças têm

Mapa 4. Tempo reportado da viagem à escola e grupos com pelo menos um menor na escola nos grupos refugiados e migrantes



% de grupos com pelo menos um menor de idade entre 6 e 17 anos que não frequentava à escola no momento da coleta de dados:

Grupos refugiados e migrantes	19%
Grupos de acolhida	5%

que caminhar longas distâncias para chegar à escola, já que não há transporte escolar em alguns bairros. Em 3 GFD os participantes também enfrentaram sobre as barreiras linguísticas que os pais enfrentam ao seguir o protocolo de acesso à educação, o que aumenta a sua falta de compreensão do sistema educacional brasileiro. Finalmente, os participantes da metade dos GFD identificaram a escola como um lugar onde há discriminação com base na nacionalidade por parte dos estudantes e professores.

Perspectivas para o acesso ao ensino técnico ou superior

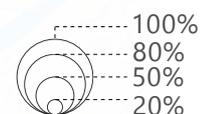
Conhecimento no grupo sobre como acessar a educação técnica ou universitária no Brasil:



Validação de títulos de ensino superior estrangeiros no Brasil:

23% dos grupos de refugiados e migrantes pesquisados tinham pelo menos um membro que atingiu um grau técnico, tecnológico ou universitário completo. Em 64% dos casos, este diploma havia sido emitido fora do Brasil, mas nenhum deles havia concluído o processo de validação do diploma de ensino superior para reconhecimento no Brasil.

% de grupos com pelo menos um menor de idade na escola



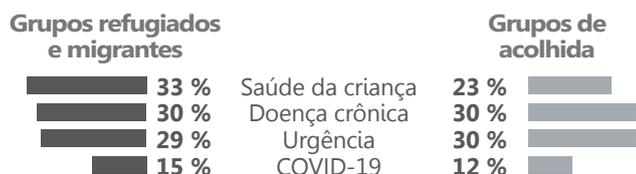
Tempo relatado de viagem das crianças para à escola (só uma viagem)

- Menos de 15 min
- Entre 16 - 30 min
- Entre 31 - 60 min
- Mais de uma hora
- Área excluída da amostragem
- Rede viária
- Rio principal
- Limite de macroárea

Necessidades de acesso aos serviços de saúde

O questionário domiciliar indagou sobre as necessidades de acesso aos serviços de saúde dos grupos nos três meses anteriores à coleta de dados: neste período, 29% dos grupos refugiados e migrantes e 48% dos grupo de acolhida relataram ter uma necessidade de acesso à saúde. Entre eles, 71% dos grupos refugiados e migrantes e 51% dos grupos de acolhida relataram que todos os membros puderam ter acesso ao serviço.

Principais situações relatadas pelos grupos que tentaram acessar um serviço de saúde¹⁰:



Acesso relatado aos controles médicos para mulheres grávidas¹⁰:

A metade dos 40 grupos refugiados e migrantes com mulheres grávidas relataram que tiveram acesso a exames médicos, principalmente exames pré-natais (88%), nutrição (31%) e testes COVID-19 (11%).

Principais dificuldades de acesso aos serviços de saúde relatadas pelos grupos¹⁰:

Dificuldade	Grupo refugiado e migrante	Grupo de acolhida
Tempo de espera	46 %	52 %
Tratamento não disponível	20 %	42 %
Discriminação	10 %	10 %

% de grupos que relataram que todos os membros tinham vacinação completa contra a COVID-19:

Grupos refugiados e migrantes	58%
Grupos de acolhida	71%

Nos GFD também mencionaram a demora no atendimento, especialmente nos serviços de saúde especializada (7 GFD), dificuldade de acesso devido às longas distâncias (4 GFD) e falta de transporte público (3 GFD). Além disso, 5 GFD mencionaram que experimentaram discriminação no atendimento com base na nacionalidade e no idioma, e que estas situações levam a população venezuelana a procurar serviços de saúde só quando está muito doente (3 GFD).

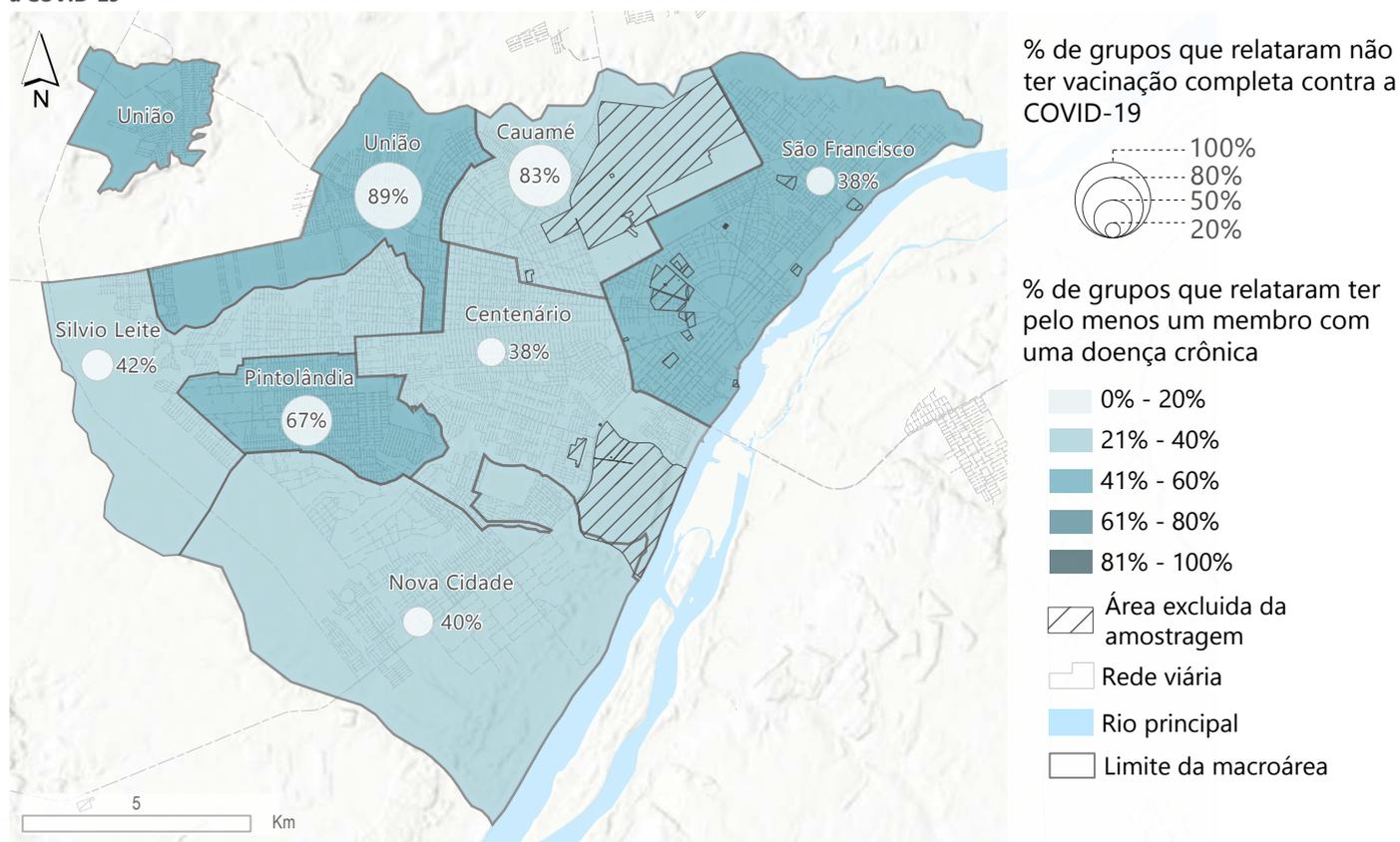
Membros dos grupos com doenças crônicas:

O 41% dos grupos refugiados e migrantes e o 50% dos grupos de acolhida relatou que seu grupo tinha pelo menos um membro com doenças crônicas (câncer, diabetes e hipertensão). Segundo os entrevistados, aquela doença afetava ao chefe do grupo em 54% dos grupos refugiados e migrantes e em 50% dos grupos de acolhida.

Sintomas de comprometimento da saúde mental:

O 56% dos grupos de refugiados e migrantes e 43% dos grupos de acolhida relataram que, nos três meses anteriores à coleta de dados, um membro da família viveu pesadelos, tristeza prolongada, fadiga extrema, ansiedade, choro incontrolável, dificuldade para dormir e/ou dormir demais. Esta situação também foi elaborada nos GFD, nos quais os participantes mencionaram sentir-se ansiosos e deprimidos com relação à migração, com medo e incerteza sobre o futuro, e com medo de ficar doente e de não ter acesso aos serviços de saúde.

Mapa 5. % de grupos refugiados e migrantes com pelo menos um membro com uma doença crônica e % de grupos sem vacinação completa contra a COVID-19

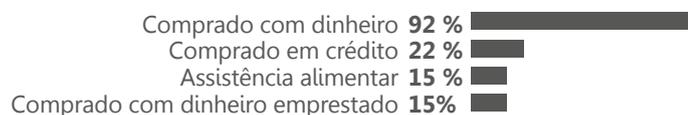


Segurança alimentar

Acesso financeiro aos alimentos

Para analisar a situação de segurança alimentar dos grupos, o questionário explorou indicadores relacionados com a capacidade econômica para comprar alimentos e as estratégias e recursos disponíveis para lidar com as restrições de acesso.

Principais meios de acesso à alimentação relatados por grupos refugiados e migrantes¹⁰:



Proporção da renda dos grupos refugiados e migrantes no mês anterior à coleta de dados destinada à alimentação :

Renda do grupo	N ¹	% da renda para alimentação
Menos de 1 SM ²	68	85 %
Entre 1 e 2 SM	43	52%
Mais de 2 SM	11	49%

1-Amostra de 122 grupos que relataram dados em renda e despesas em alimentação
2-O salário mínimo mensal para 2022 é BRL\$1,212.

Os grupos que declararam uma renda inferior a um salário mínimo no mês anterior à coleta de dados (que constituem mais da metade das famílias de refugiados e migrantes, ver seção Meios de Subsistência abaixo) gastaram, em média, 85% da renda em alimentação. Como tal, eles constituem grupos que têm menos recursos disponíveis para atender outras necessidades básicas, são mais suscetíveis a choques econômicos e têm maior probabilidade de utilizar mecanismos de afrontamento negativos.

% de grupos que relataram comer duas o menos refeições por dia nos sete dias anteriores à coleta de dados:

Grupos refugiados e migrantes	34%
Grupos de acolhida	19%

Mecanismos de afrontamento na ausência de alimentos ou dinheiro para comprá-los

Principais mecanismos de afrontamento utilizadas pelos grupos durante os sete dias anteriores à coleta de dados¹⁰:

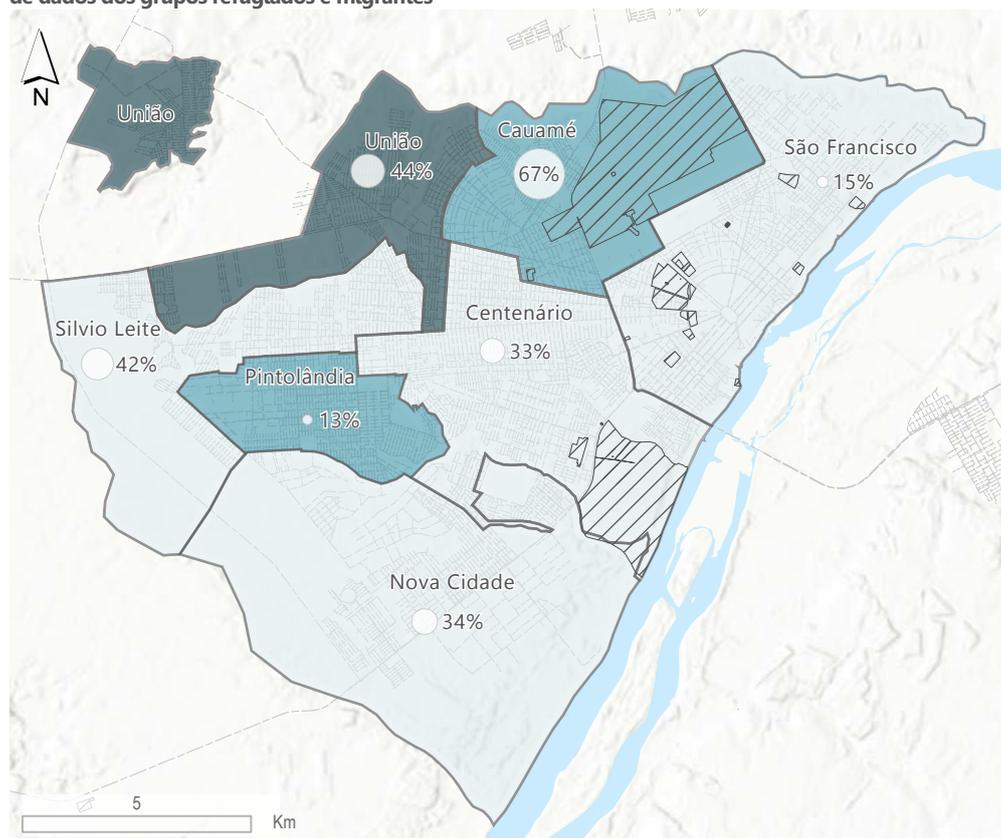
Mecanismo	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Nenhum	24 %	56 %
Recorrer a comida mais barata ou menos preferida	39 %	29 %
Comida emprestada ou apoio de amigos ou familiares	24 %	18 %
Reduzir a porção das refeições	42 %	12 %

Intervenções nutricionais

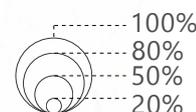
Intervenções nutricionais nas quais os grupos relatam ter participado¹⁰:



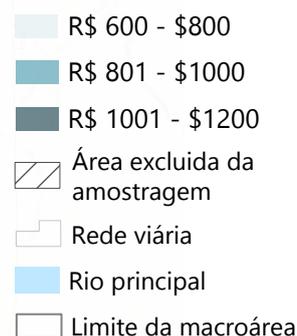
Mapa 6. Mediana das despesas mensais em alimentos e % de grupos que relataram comer duas ou menos refeições nos 7 dias anteriores à coleta de dados dos grupos refugiados e migrantes



% de grupos que relataram comer duas o menos refeições por dia nos sete dias anteriores à coleta de dados



Mediana das despesas mensais reportadas em alimentos



Programas sociais

Conhecimento do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)

A inscrição no Cadastro Único é o ponto de partida para o acesso aos programas sociais de transferência de renda do governo brasileiro, como o Auxílio emergencial, que procurou garantir uma renda para famílias em situações vulneráveis durante a pandemia da COVID-19; Auxílio Brasil (antigamente Bolsa Família), um programa de renda condicional para famílias em situação de pobreza e pobreza extrema; e o Benefício de Prestação Continuada, destinado a adultos maiores de 65 anos ou pessoas com deficiência de qualquer idade. O registro é realizado nos sete CRAS de Boa Vista, que informaram conhecer 61% dos grupos de refugiados e migrantes e 72% dos grupos de acolhida.

Grupos que relataram estar cadastrados em programas sociais, por tipo de programa¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
71 %	Auxílio emergencial ¹¹	82 %
51 %	Auxílio Brasil	67 %
7 %	Benefício de Prestação Continuada	13 %

Grupos que relataram ter participado nas atividades de psicólogos ou assistentes sociais do CRAS:

Grupos refugiados e migrantes



Grupos de acolhida



% de grupos que relataram estar registrados em Cadastro Único:

Grupos refugiados e migrantes	50%
Grupos de acolhida	63%

A maioria dos grupos de refugiados e migrantes relatou que as principais formas pelas quais aprenderam sobre esses programas sociais foram: de um membro da família ou amigo (36%), de organizações humanitárias (18%) e através da promoção de instituições públicas (18%).¹⁰

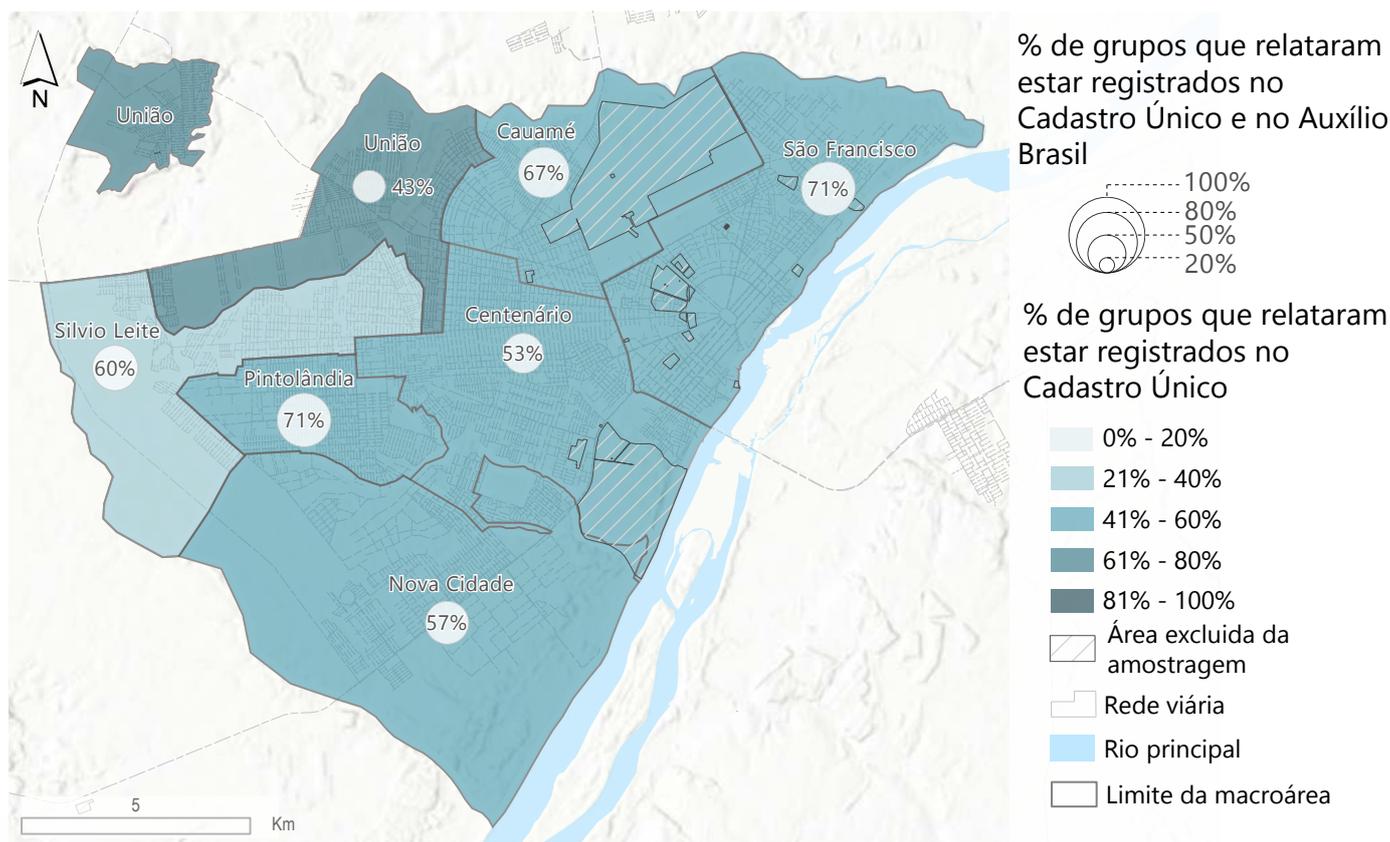
Barreiras para acessar a programas sociais

Principais razões relatadas pelos grupos para não estar inscritos no Cadastro Único¹⁰:

Razões para não registrar-se	Grupos refugidos e migrantes	Grupos de acolhida
Não sei como é o processo	42 %	27 %
Nós não solicitamos	49 %	41 %
Esperando uma resposta	9 %	18 %

A principal barreira identificada nos GFD foi a falta de informações sobre as características dos programas, procedimentos de registro, requisitos e horários; seguida de atrasos na atenção e dificuldades de registro resultantes da falta de documentação, como prova de residência e prova de estudos das crianças do grupo. Os participantes também relataram ter pouca clareza sobre o processo de pós-inscrição. Além disso, eles relataram o risco de cair em um modo de fraude, no qual os processadores oferecem "acesso rápido" aos serviços de registro, cobram do beneficiário, e não entregam o dinheiro com o argumento de que o benefício ainda não foi aprovado.

Mapa 7. % dos grupos refugiados e migrantes registrados no Cadastro Único e no Auxílio Brasil



Modalidades de acesso a moradia

A maioria (91%) dos grupos refugiados e migrantes relatou viver em casas alugadas, enquanto que aqueles em acomodações fornecidas por amigos ou parentes (4%), em ocupações (2%) e em suas próprias acomodações (2%) representaram uma porcentagem menor. Em contraste, quase metade (47%) dos grupos de acolhida viviam em suas próprias casas, e uma proporção semelhante vivia em casas alugadas (45%).

Além disso, refugiados e migrantes que adquiriram terras em caráter comunitário ou individual para a construção de domicílios improvisados na periferia de Boa Vista participaram dos GFD. Esta modalidade de acesso à moradia está presente nos bairros das macroáreas Nova Cidade, Pintolândia e União, em áreas onde normalmente faltam serviços básicos como eletricidade, água, saneamento e estradas.

Trajetórias de acesso à moradia:

Durante os GFD, foram pesquisadas as trajetórias de acesso dos participantes às casas alugadas ou aos domicílios improvisados. Foi identificado que:

- 1) As redes de família e amigos são o primeiro apoio para o acesso à moradia segura, acesso à informação, assistência financeira e o desenvolvimento de estratégias de acesso à moradia dividida ou própria em domicílios improvisados.
- 2) Em consonância com isto, observou-se que famílias ou indivíduos que dividiam moradia em uma ocupação espontânea ou que viviam na rua, agiram juntos para ter acesso a moradia alugada ou a um terreno para a construção de um domicílio improvisado. Isto também se refletiu no fato de que muitos dos participantes dividiam a moradia com um grande número de outras pessoas e grupos.
- 3) Finalmente, também foi identificado que a transição entre uma moradia precária fora dos abrigos e uma casa alugada ou terreno não é linear nem definitiva, pois houve relatos de pessoas que foram despejadas ou se sentiram inseguras em suas casas. Por conta de isso, elas retornaram a ocupações espontâneas ou moraram nas ruas antes de poder economizar dinheiro suficiente para alugar novamente. Isto também indica a incidência de riscos de proteção no acesso à moradia.

Condições de habitabilidade

Défices habitacionais observados nas moradias ocupadas pelos grupos:

Défice observado	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Chão de terra, areia ou lodo	6%	2%
Materiais de reuso ou perecedeiros no teto	4%	0%
Materiais de reuso ou perecedeiros nas paredes	3%	0%

As equipes de campo observaram as características habitacionais e ambientais das casas pesquisadas, registrando necessidades habitacionais agudas em alguns casos de refugiados e migrantes, principalmente aqueles que viviam em domicílios improvisados. Embora a proporção de vivenda com infra-estrutura adequada observada fosse alta, outros problemas habitacionais foram relatados pelos grupos.

% de grupos que moravam em condições de superlotação (mais de três pessoas por quarto):

Grupos refugiados e migrantes	59%
Grupos de acolhida	40%

Principais problemas na vivenda relatados pelo grupo¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
55 %	Goteiras	42 %
21 %	Alagação da casa	35 %
18 %	Inestabilidade da parede/teto	24 %
18 %	Sujeira ou entulho	11 %
17 %	Ventilação limitada	8 %

Superlotação:

Os participantes da metade dos GFD relataram sentir-se amontoados, pois tinham espaço limitado para viver. Às vezes a moradia consistia em um único quarto, que era ao mesmo tempo uma sala/cozinha, mais o acesso a um banheiro. A superlotação também foi relatada por um GFD com habitantes de habitações improvisadas, que tinham acesso limitado a materiais de construção e só tinham conseguido construir alguns poucos espaços de moradia.

Localização e acesso ao transporte:

Nos cinco GFD realizados nas macroáreas de Nova Cidade, União, Pintolândia, Centenário com pessoas alugando e morando em domicílios improvisados, os participantes mencionaram ter dificuldade para se deslocar de suas casas devido à falta de transporte público e de boas condições das estradas, o que dificultava até mesmo a entrada de transporte privado. Além disso, relataram falta de transporte escolar nos bairros dessas cinco macroáreas, o que implicava em riscos para a segurança e a permanência das crianças na escola. Finalmente, nestes GFD, algumas pessoas também mencionaram que às vezes não vão ao médico porque não têm como chegar devido à falta de transporte.

Acesso aos serviços públicos:

Em geral, não foram identificados problemas de acesso aos serviços públicos nos questionários nem nos GFD (exceto os problemas dos domicílios improvisados e com fossas sépticas, que serão tratados na seção sobre Água, Saneamento e Higiene).

Principais fontes utilizadas pelo grupo para cozinhar¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
97 %	Botijão de Gás	97 %
17 %	Carvão Vegetal	6 %
11 %	Madeira ou outros restos vegetais	10 %

Principal forma de acesso do grupo à Internet:

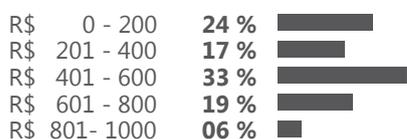
Forma de acesso	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Wifi ou dados moveis próprios	53%	80 %
Conexão compartilhada com vizinhos	26 %	10 %
Não tem acesso	18 %	10 %
Nos espaços com Wifi livre	2 %	0 %
Não sabe	1 %	0 %

Condições do aluguel e riscos de despejo

Acesso financeiro à moradia e tipo de contrato

O mercado de aluguel foi a principal forma de acesso à moradia para a maioria (91%) dos grupos de refugiados e migrantes pesquisadas, para os quais foram coletados os seguintes indicadores no questionário domiciliar:

Despesas relacionadas pelos grupos refugiados e migrantes em aluguel no mês anterior à coleta de dados:



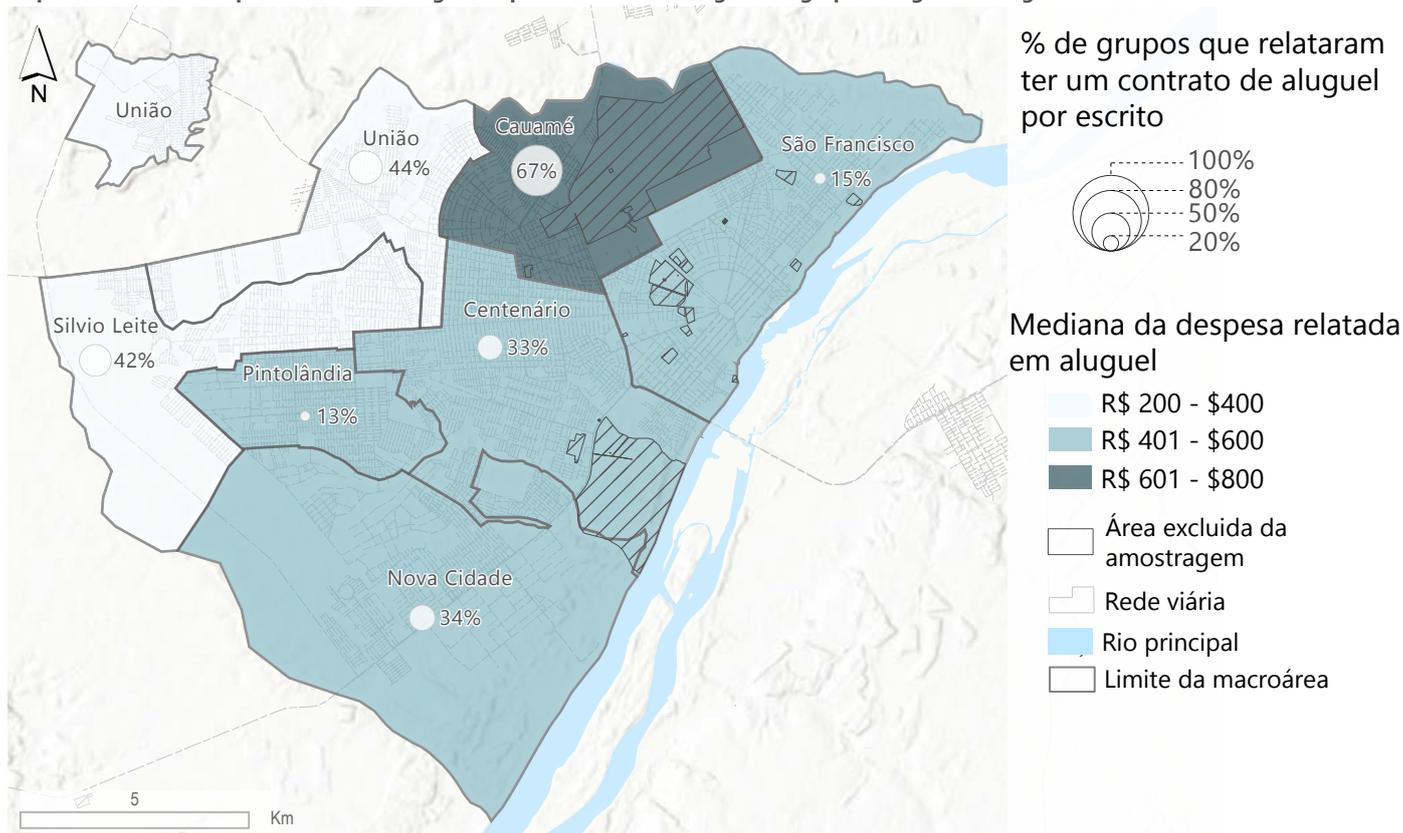
Tipo de contrato relatado pelos grupos para o aluguel da moradia:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
41 %	Acordo verbal	32 %
39 %	Não tem contrato	21 %
20 %	Contrato escrito	46 %

Também foi identificado que quase todos os pagamentos de aluguel eram feitos mensalmente (97% para ambos os grupos), e que o período principal de aluguel era indefinido. No entanto, a proporção do período foi muito mais elevada para os grupos refugiados e migrantes (76%) do que para os grupos de acolhida (57%).

Por sua vez, os habitantes de domicílios improvisados disseram em 3 GFD que tiveram que economizar, acumular benefícios governamentais e pedir empréstimos a parentes para adquirir o terreno onde estavam construindo. Entretanto, alguns mencionaram que continuam a pagar uma taxa mensal, semelhante à do aluguel, às pessoas que os venderam.

Mapa 8. Mediana da despesa relatada em aluguel e tipo de contrato de aluguel dos grupos refugiados e migrantes



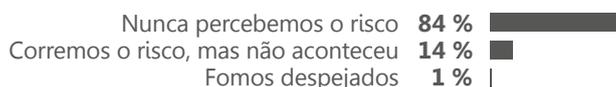
% de grupos que relataram ter atrasos no aluguel no momento da coleta de dados:

Grupos refugiados e migrantes	23%
Grupos de acolhida	14%

Em todos os GFD realizados, foi mencionada a percepção de insegurança jurídica para o arrendatário devido à falta de contratos formais, que deixa a população de refugiados e migrantes venezuelanos vulneráveis a abusos. Em 6 GFD mencionaram que o respeito aos acordos verbais de aluguel é o que mantém boas relações entre proprietário e arrendatário, o que parece indicar que culturalmente também há uma aceitação da validade dos acordos verbais, o que poderia explicar seus números. No entanto, a percepção de tratamento discriminatório dos inquilinos, manifestada em regras mais rigorosas que limitam o gozo da moradia, também foi relatada em 2 GFD.

Risco de despejo

Proporção de grupos refugiados e migrantes que haviam sido despejados ou enfrentado o risco de despejo nos três meses anteriores à coleta de dados:



Em mais da metade dos GFD, os participantes relataram que estavam em risco de despejo devido à falta de capacidade de pagamento pela instabilidade de sua renda. Isto também foi relatado como um risco por aqueles que vivem em domicílios improvisados, pois foi mencionado que as pessoas poderiam perder suas casas se não pagassem o pagamento mensal acordado, e que quando isto acontecesse, elas poderiam não receber o reembolso do dinheiro já pago.

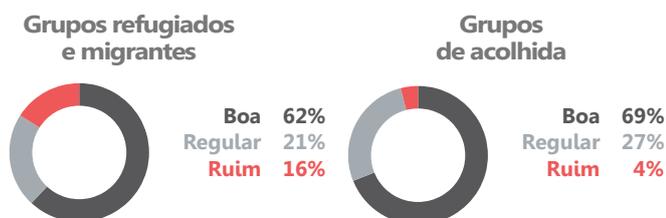
Acesso a água potável

Abastecimento de água potável para uso doméstico:

A maioria dos grupos refugiados e migrantes (98%) e dos grupos de acolhida (95%) relataram ter acesso à água em suas residências. A maioria dos grupos refugiados e migrantes (89%) relatou que eles contavam com o serviço 24 horas por dia, cada dia da semana, embora a proporção fosse menor nos grupos de acolhida (78%). Nos GFD, a falta de continuidade do abastecimento de água foi identificada em um dos bairros de Nova Cidade, forçando algumas pessoas a pedir a bomba d'água a seus vizinhos.

Por outro lado, nos 3 GFD realizados em domicílios improvisados em Nova Cidade, União e Pintolândia, foi identificado que não há aqueduto e que os habitantes recebem água de caminhões-cisterna duas vezes por semana. Poucas pessoas ficaram satisfeitas com a situação, relatando que sofreram discriminação no acesso à água e que às vezes usaram água de um rio próximo, o que levou a doenças de pele em algumas pessoas.

Percepção da qualidade da água consumida pelos grupos:



Tipo de tratamento para água de consumo humano:

A maioria (82%) dos grupos refugiados e migrantes relataram que não tratam sua água de forma alguma, ao contrário de 58% dos grupos de acolhida que também não tratam sua água. Nos grupos de acolhida, o tratamento mais comum era a filtragem (27%), enquanto que nos lares de refugiados e migrantes, era ferver a água (8%).

Acesso aos serviços de saneamento

Tipo de sistema de saneamento relatado pelos grupos:

Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
48 % Rede de saneamento	63 %
38 % Poço séptico	26 %
4 % Latrina de fossa simples	11 %
3 % Não tem	0 %
7 % Não sabe	0 %

Os participantes dos 4 GFD realizados com moradores de domicílios improvisados em União, Pintolândia e Nova Cidade, e com pessoas que alugavam em um bairro desta última macroárea, relataram que não há serviço de esgoto em seus bairros. Isto resulta em condições insalubres devido à presença de águas residuais domésticas nas ruas e áreas verdes, que podem causar pragas, um aumento de doenças transmitidas por vetores e, adicionalmente, maus odores.

% de grupos que relataram não ter acesso a produtos de higiene menstrual:

Grupos refugiados e migrantes	24%
Grupos de acolhida	13%

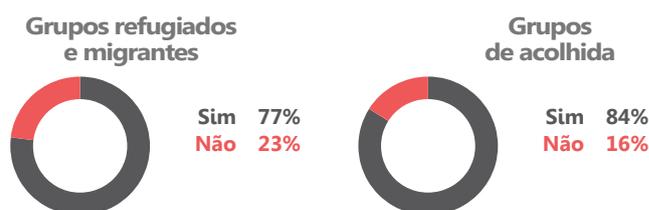
Principais problemas relatados pelos grupos com os serviços de saneamento e gestão de resíduos¹⁰:

Problema	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Não teve algum problema	60 %	48 %
O sistema de esgoto precisa de limpeza	13 %	8 %
O sistema de esgoto tem vazamentos e contamina as áreas públicas	11 %	13 %
Há água entupida	10 %	15 %
Não tem sistema de esgoto no bairro	10 %	8 %

Nos GFD com arrendatários em Nova Cidade e Centenário, os participantes destacaram condições insalubres de moradia devido ao colapso de fossas sépticas e ao transbordamento de fossas sépticas durante a estação chuvosa. Além destes problemas na casa, todos os FDGs mencionaram outras condições inadequadas de moradia, principalmente devido à falta de espaço, vazamentos e inundações dentro das casas durante a temporada de chuvas.

Acesso às práticas de higiene

Disponibilidade de um lavatório próximo do vaso sanitário (menos de dez passos):



Principais momentos de lavagem de mãos relatados pelos grupos¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
31 % A cada duas horas	37 %
29 % Depois de usar o banheiro	32 %
29 % Antes e depois de se alimentar	60 %
28 % Antes de usar o banheiro	74 %
17 % Ao chegar da rua	18 %

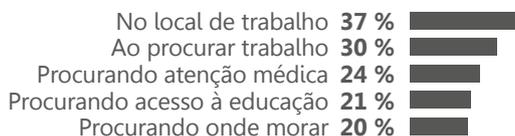
Quase todos os grupos (96% dos grupos refugiados e migrantes e 92% dos grupos de acolhida) relataram ter sabonete para lavar as mãos permanentemente à disposição de todos os membros do grupo.

Riscos de proteção

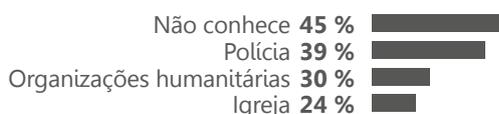
Discriminação contra grupos refugiados e migrantes

O 44% dos grupos refugiados e migrantes relataram que durante seu tempo em Boa Vista, pelo menos um membro tinha sofrido discriminação baseada na nacionalidade.

Principais lugares ou situações na quais os membros do grupo se sentiram discriminados¹⁰:



Principais autoridades que poderiam lhe ajudar em casos de discriminação ou de uma preocupação de segurança¹⁰:



Episódios de discriminação e percepções de insegurança

Os participantes de 6 GFD relataram sentir-se inseguros ao caminhar ou andar de bicicleta na rua, em supermercados, lojas e instituições públicas, tendo sofrido discriminação e agressão verbal baseada na nacionalidade. Nestes GFD, também houve relatos de discriminação por não falar a língua nos locais de trabalho, principalmente no atendimento ao público; ou seja, uma percepção geral de discriminação nos espaços públicos. Em 4 GFD nas macroáreas de São Francisco, Nova Cidade, Cauamé e Centenário, os partici-

% de grupos que relataram ter conhecimento de canais para denunciar casos de violência baseada no gênero:

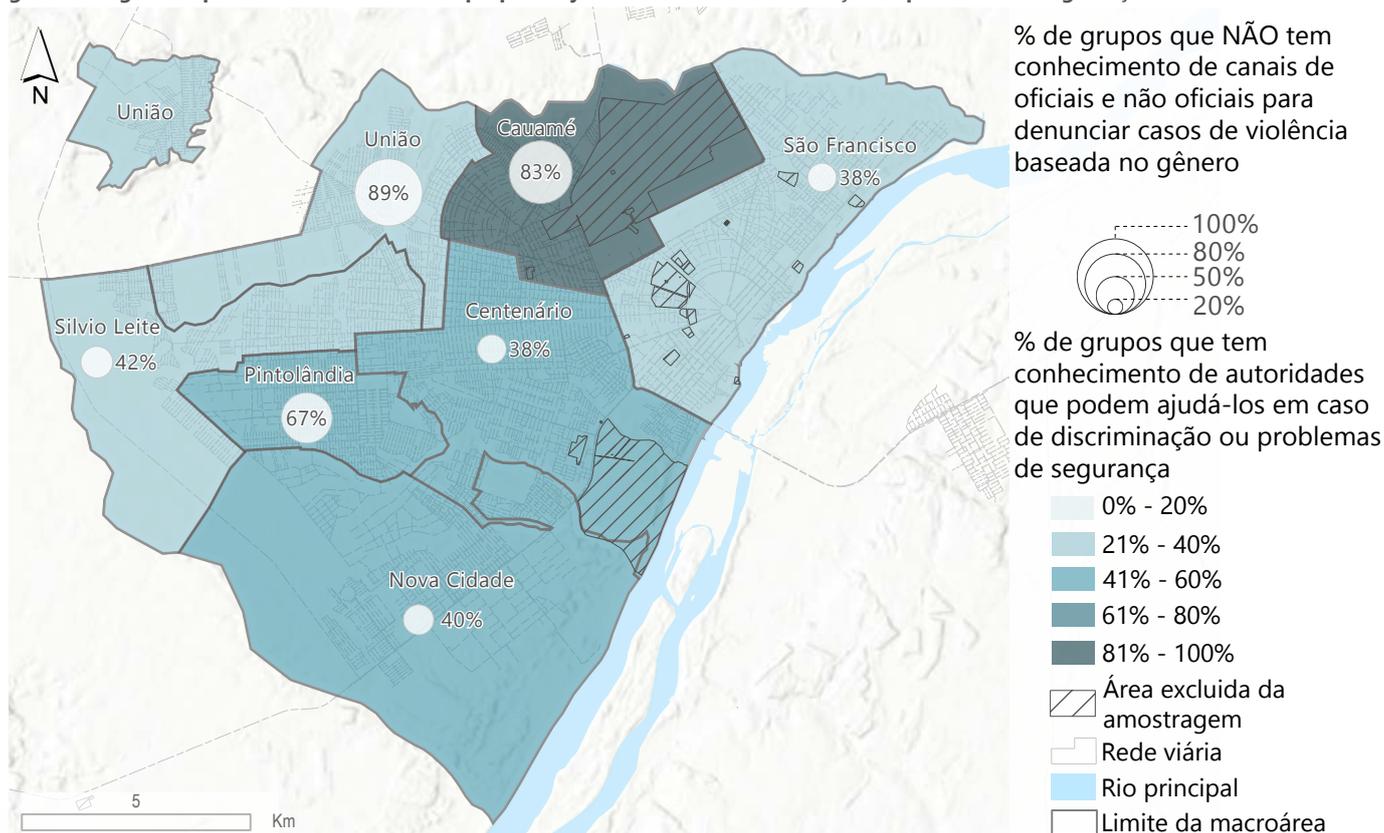
Grupos refugiados e migrantes	47%
Grupos de acolhida	76%

pantes relataram insegurança em suas acomodações devido ao crime, roubo nos condomínios e consumo de substâncias psicoativas, razão pela qual evitavam compartilhar espaços comuns. Em 3 GFD nas macroáreas Nova Cidade, União e Cauamé, também relataram que se sentem inseguros ao caminhar pela rua do bairro devido à falta de iluminação e às condições das estradas.

Os participantes de 3 GFD nas macroáreas de São Francisco, Cauamé e União mencionaram situações de assédio sexual a mulheres e adolescentes andando na rua. Particularmente nas áreas da União e Nova Cidade, onde há domicílios improvisados, os riscos foram relacionados com a falta de transporte público. Nesses bairros, as pessoas têm que caminhar longas distâncias até escolas, centros de saúde e de trabalho, entre outros, em estradas com pouca iluminação e pouca presença de pessoas. Particularmente em União, para ir do bairro a algum lugar, vão a pé ou pedem carona a estranhos, expondo-se a riscos de segurança.

Finalmente, em todos os GFD, os participantes relataram não ter informações claras sobre onde ir em caso de riscos de segurança, tratamento injusto e discriminação. Uma dificuldade adicional nos casos de proteção é a barreira linguística. Por exemplo, em um GFD, mulheres que foram assediadas sexualmente relataram que sabiam que podiam ir à polícia, mas não foram porque não falavam português e achavam que não seriam capazes de denunciar.

Mapa 9. % de grupos refugiados e migrantes que não conhecem canais para denunciar violência baseada no gênero e % de grupos refugiados e migrantes que conhecem autoridades que podem ajudá-los em caso de discriminação ou problemas de segurança



Meios de vida e integração

Acesso a renda

88% dos grupos refugiados e migrantes e 87% dos grupos de acolhida informaram que os membros tiveram alguma fonte de renda no mês anterior à coleta de dados.

Principais fontes de renda relatadas pelos grupos durante o mês anterior à coleta de dados¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
76 %	Trabalho informal	42 %
20 %	Trabalho formal	46 %
15 %	Benefícios sociais do governo	26 %
5 %	Microempreendedor	15 %

Em todos os GFD realizados, os participantes mencionaram que suas fontes de renda eram através de empregos informais, sem uma carteira atribuída e em forma independente. As mulheres participantes relataram que trabalhavam por diária como empregadas domésticas, vendendo produtos de catálogo, roupas de segunda mão, doces, ou como babás, entre outros. Os homens relataram trabalhar principalmente como pedreiros, pintores industriais, agricultores, jardineiros, motoristas Uber e coletores de material reciclável.

Em 7 FGDs, os participantes mencionaram que sofrem de instabilidade no trabalho e não têm renda todos os dias, apesar do fato de que a maioria deles sai à busca de trabalho diariamente. Isto acontece, por exemplo, no caso de pedreiros e pintores, que às vezes ficam semanas sem conseguir um emprego. Em resposta, alguns comentaram que eles reduzem o preço de seus serviços de trabalho a fim de conseguir o seu sustento.

Renda relatada pelos grupos no mês anterior à coleta de dados¹³:

O questionário domiciliar perguntou qual foi a renda total do grupo no mês anterior à coleta de dados. Para fins de exposição será utilizado como referência o valor do salário mínimo no Brasil, fixado em BRL\$ 1.212, cerca de USD\$ 227.¹⁴

População	Menos de 1 salário mínimo	Entre 1 e 2 salários mínimos	Mais de 2 salários mínimos	Não sabe / Recusa responder
Grupos refugiados e migrantes	57 %	30 %	8 %	5 %
Grupos de acolhida	44 %	24 %	22 %	10 %

Assim, os participantes da metade dos GFD indicaram que sua renda geralmente não é suficiente para cobrir suas necessidades básicas, o que leva a dificuldades em cobrir despesas com alimentação, pagar aluguel e manter seus filhos na escola, entre outros.

Em dois GFD foi também mencionado que refugiados e migrantes sofreram exploração, com horários e deveres de trabalho sobrecarregados, aliados à baixa remunera-

% de grupos com alta dependência econômica (mais de três pessoas por membro que recebeu uma renda do trabalho)¹²:

Grupos refugiados e migrantes	57%
Grupos de acolhida	45%

ção. Neste contexto, os participantes de 6 GFD também destacaram sua dependência para despesas básicas dos benefícios sociais governamentais aos quais têm acesso, bem como um benefício alimentar fornecido por uma organização humanitária que também ajuda a atender às necessidades básicas.

Barreiras percebidas no acesso à renda

Principais desafios para a geração de renda relatados por grupos refugiados e migrantes¹⁰:

76 %	Falta de domínio do idioma português
20 %	Falta de informações sobre onde procurar emprego
15 %	Precisa cuidar aos menores da família
8 %	Discriminação baseada na nacionalidade

Nível de proficiência em português da maioria dos membros dos grupos refugiados e migrantes:



De forma complementar ao que foi relatado nos questionários, os participantes dos GFD destacaram que homens e mulheres perdem oportunidades de trabalho porque não têm ninguém com quem deixar seus filhos, pois não têm acesso a lugares seguros e próximos para cuidar das crianças. Da mesma forma, em dois GFD, eles destacaram episódios de discriminação no local de trabalho e pelos superiores brasileiros.

Intenções de gerar negócios próprios

Conhecimento do processo de registro como micro-empresário individual:

Apenas 5% dos grupos refugiados e migrantes mencionaram o trabalho como microempreendedor como uma fonte de renda. Entretanto, 78% dos grupos expressaram interesse em registrar e iniciar seu próprio negócio. Nos grupos de acolhida, 15% mencionaram trabalhar como microempreendedor como uma das fontes de renda, e 68% dos grupos estavam interessados em registrar seu próprio negócio.

No entanto, apenas 14% dos grupos refugiados e migrantes e 29% dos grupos de acolhida relataram ter conhecimento de como acessar um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) para legalizar seu registro como indivíduo microempreendedor e acessar os benefícios que isso implica.

Mecanismos de enfrentamento

Uso de mecanismos por parte dos grupos

Principais mecanismos de enfrentamento usadas pelo grupo no mês anterior à coleta de dados¹⁰:

Os mecanismos de enfrentamento são ações tomadas pelos grupos para atender suas necessidades em meio a uma situação problemática ou de choque.

Principal mecanismo	Grupos refugiados e migrantes	Grupos de acolhida
Pedir emprestado dinheiro	39 %	21 %
Compartilhar despesas com outras casas	17 %	2 %
Mudar o local de residência	16 %	0 %
Receber ajuda de membros da família	15 %	15 %
Vender bens da família	15 %	13 %

Dependendo de suas características, os mecanismos de enfrentamento podem comprometer a capacidade dos grupos de lidar com dificuldades futuras. Eles são, portanto, classificados em: **1) mecanismos de estresse**, que geralmente envolvem a redução de recursos ou o aumento da dívida e correspondem a usar a poupança, receber ajuda da família ou da comunidade, pedir dinheiro emprestado, crédito para comprar alimentos e vender bens domésticos; **2) mecanismos de crise**, que estão diretamente associados à redução da produtividade futura do grupo e incluem mecanismos como compartilhar despesas com outras famílias, trabalhar por alimentos, abrigo e bens, mudar de casa e colocar as crianças para trabalhar; e **3) mecanismos de emergência**, que além de afetar a produtividade futura

% de grupos que relataram ter adotado mecanismos de enfrentamento no mês anterior à coleta de dados:

Grupos refugiados e migrantes	73%
Grupos de acolhida	42%

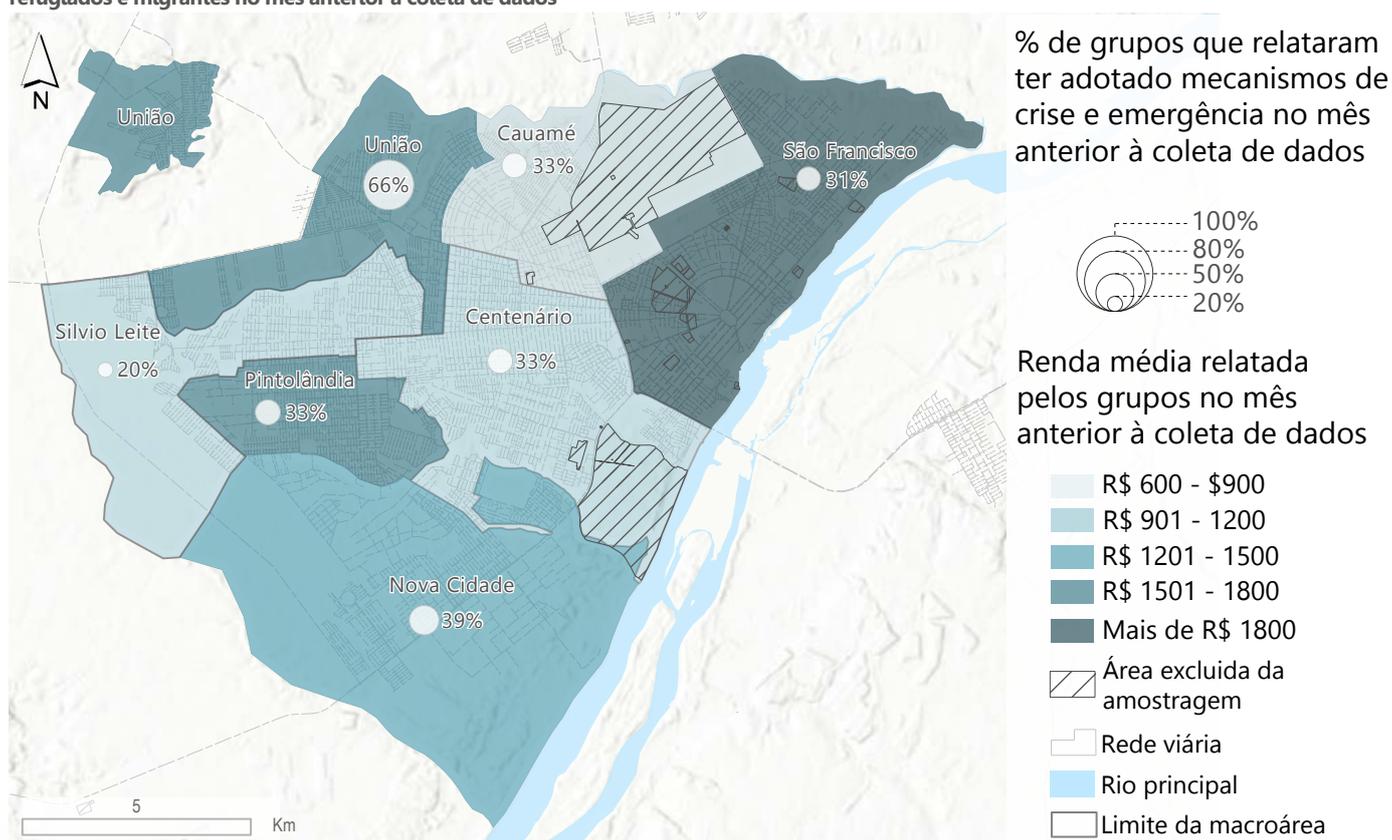
podem ser mais difíceis de reverter. Este último grupo inclui ações como enviar crianças para outra família, mendigar ou recolher lixo ou alimentos na rua, e se envolver em atividades que possam colocar sua integridade em risco, ou que o grupo prefere não mencionar.

Proporção de grupos que adotaram mecanismos de enfrentamento no mês anterior à coleta de dados (classificação de acordo com a estratégia mais severa relatada):

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
22 %	Nenhum	50 %
36 %	Estresse	34 %
27 %	Crise	6 %
9 %	Emergência	2 %
5 %	Sem dados ¹⁵	8 %

Ao analisar a adoção de mecanismos de enfrentamento nos grupos refugiados e migrantes de acordo com as características do grupo, foi identificado que uma maior taxa de dependência econômica doméstica estava associada a uma maior prevalência do uso de estratégias. Verificou-se também que os grupos com crianças menores de cinco anos tinham um uso geral mais elevado de todas as estratégias, independentemente de sua severidade. O mesmo se aplicava aos grupos chefiados por mulheres. Finalmente, descobriu-se também que metade dos grupos chefiados por pessoas com deficiência relataram ter usado pelo menos uma estratégia de emergência.

Mapa 10. % de grupos refugiados e migrantes que relataram ter adotado mecanismos de crise e emergência e renda média relatada pelos grupos refugiados e migrantes no mês anterior à coleta de dados



Acesso à assistência de organizações humanitárias ou de desenvolvimento

Tipo e fonte de assistência recebida por 36 grupos de refugiados e migrantes nos três meses anteriores à coleta de dados¹⁰:

Comida	45 %	
Dinheiro em cartões pré-pagos	40 %	
Itens não alimentares	11 %	

A principal fonte deste apoio foram as organizações não governamentais (30%), seguidas pela igreja (13%) e por membros brasileiros da comunidade (13%). Noventa e seis por cento dos grupos relataram estar satisfeitos com a assistência recebida.

Principais necessidades relatadas pelos grupos no momento da coleta de dados¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
33 %	Alimentos	56 %
33 %	Atenção médica	44 %
31 %	Emprego	21 %
26 %	Dinheiro	19 %
18 %	Itens não alimentares	10 %

Preferências dos grupos no caso receber assistência no futuro¹⁰:

Grupos refugiados e migrantes		Grupos de acolhida
68 %	Alimentos	53 %
43 %	Dinheiro	37 %
35 %	Voucher para aluguel	8 %
27 %	Serviços	51 %
10 %	Itens não alimentares	10 %

% dos grupos que relataram ter recebido apoio de uma organização humanitária ou de desenvolvimento nos três meses anteriores à coleta de dados:

Grupos refugiados e migrantes	21%
Grupos de acolhida	5%

Por sua vez, as informações coletadas nos GFD apontavam para outras formas de apoio destinadas a soluções duráveis, tais como treinamento em empreendedorismo (5 GFD), acesso a programas de saúde (5 GFD) e mais informações sobre agentes humanitários (5 GFD).

Comunicação com Comunidades

Principais formas relatadas de acesso à informação para grupos refugiados e migrantes¹⁰:

Amigos e familiares	47 %	
Facebook	42 %	
WhatsApp	37 %	
Televisão	20 %	
Líder religioso	10 %	

Formas preferidas de comunicação para aprender sobre as ações humanitárias:

A necessidade de comunicação cara a cara com as organizações humanitárias foi destacada na maioria (6) dos GFD realizados. Por sua vez, os grupos refugiados e migrantes pesquisados confirmaram estes desejos de mais comunicação interpessoal, pois destacaram o desejo de aprender sobre ações humanitárias em sua comunidade através das seguintes formas de comunicação: 1) WhatsApp, 72%; 2) Chamadas telefônicas, 33%; e 3) Cara-a-cara, 27%.¹⁰

Referências

- 1 R4V. [Plano de Reposta a Refugiados e Migrantes \(RMRP, da sigla em inglês\)](#). 2022.
- 2- Governo do Brasil. 2022. [Subcomitê Federal Para Recepção, Identificação e Triagem Dos Imigrantes Migração Venezuelana](#). Janeiro 2017 - Agosto 2022.
- 3- Veja, por exemplo, o análise do Jornal [O Globo em 2021](#).
- 4- Operação Acolhida. [Painel da Estratégia de Interiorização](#). Agosto 2022.
- 5- Veja o [Perfil dos abrigos em Roraima](#), regularmente atualizado, e os [relatórios mensais](#) da OIM sobre população fora de abrigos, em ocupações espontâneas e morando nas ruas.
- 6- A unidade de análise dos questionários foi o *hogar*, entendido como o "conjunto de pessoas, parentes ou não, que ocupam em sua totalidade ou em parte uma moradia e compartilham pelo menos as refeições principais e/ou outras necessidades básicas comuns". Seguindo o exemplo do R4V's JNA, a palavra *hogar* foi traduzida como "grupo".
- 7- Veja a divisão dos bairros em macroáreas pelos CRAS [aqui](#).
- 8- As perguntas sobre cada uma das dificuldades foram realizadas de forma independente, pelo qual os resultados somam mais de 100%.
- 9- As equivalências com o sistema escolar brasileiro são as seguintes: primária, corresponde ao ensino fundamental de 1º - 5º ano; secundária, ao ensino fundamental de 6º - 9º ano; média, ao ensino médio, de 1º - 3º ano; técnico ou tecnológico, que é conhecido da mesma forma no Brasil; e superior ou universitário, que corresponde ao ensino superior.
- 10- Os entrevistados podiam escolher várias opções de resposta, portanto os resultados somam mais de 100%.
- 11- Como este programa não estava em vigor no momento da coleta de dados, perguntamos se as pessoas haviam recebido pelo menos uma prestação de ajuda de emergência durante a pandemia COVID-19.
- 12- Indicador indireto dos níveis de renda do grupo, calculado com a informação do número de membros que receberam uma renda do trabalho durante o mês anterior à coleta de dados foi tomado como referência. São classificados como grupos com alta dependência econômica aqueles em que o número de pessoas por membro empregado é maior que três.
- 13- Cálculo da renda total dos grupos, com base nos dados de 149 grupos refugiados e migrantes e de 54 grupos de acolhida que declararam ter uma renda no mês anterior à coleta de dados.
- 14- Taxa de câmbio para novembro 2022 1 USD=5.339 BRL.
- 15- Questionários com resposta Outro, Não sabe, e Se recusa a responder.